



Propostas latino-americanas para o pensamento sobre gêneros: uma colaboração México-Brasil

A origem deste número especial se deu a partir de uma cooperação acadêmica entre o programa de pós-graduação em Multimeios e o departamento de comunicação da Universidad Autónoma Metropolitana, unidade Xochimilco, resultando em pesquisas de campo na capital mexicana e apresentações de pesquisas brasileiras no *1º Ciclo de Conferencias sobre Géneros Cinematográficos*, evento vinculado ao SEPANCINE (Seminario Permanente de Análisis Cinematográfico/Asociación Mexicana de Teoría y Análisis Cinematográficos). O presente dossiê se trata de um estimulante desdobramento desse breve intercâmbio acadêmico, proveitoso para a consolidação de redes de pesquisa entre o Brasil e o México.

Com o desejo de intensificar a colaboração acadêmica sobre este tema entre os dois países, a Revista Zanzalá convidou autoras e autores vinculados mexicanos para contribuírem com as suas reflexões sobre os gêneros cinematográficos e audiovisuais. Nos artigos publicados, foram discutidos temas caros ao cinema de gênero mexicano e mundial, bem como discussões sobre tipologias e classificações, temas e estéticas de diretores e resgates historiográficos a partir de diferentes perspectivas e abordagens.

O dossiê se inicia com o exercício de Lauro Zavala ao propor uma tipologia dos gêneros ibero-americanos, com exemplos desde *O Compadre Mendoza* (1933) e *Enamorada* (1946), passando por *Deus e o diabo na terra do sol* (1964) e *La ciudad y los perros* (1985), até obras mais recentes como *Valentín* (2002) e *El ángel del acordeon* (2008). A discussão, inspirada pelo trabalho de John Sanders sobre o cinema europeu e estadunidense, alarga a questão do cânone do cinema

mundial e debate novas formas de se identificar e analisar o cinema regional.

Por meio de uma análise de *The Heart of the World* (Guy Maddin, 2000), Montserrat Pérez Bonfil debate o melodrama silencioso, bem como elementos de montagem construtivista e estética expressionista, destacando seus usos na construção e subversão de arquétipos narrativos. Em seguida, temos a proposta de resgate feita por Alfonso Ortega Mantecón acerca de um subgênero bastante específico e, por vezes, obscuro: os filmes de *home invasion*. A partir de *Susana, mulher diabólica* (1950) de Luis Buñuel, Mantecón tece argumentações mais gerais sobre a definição do subgênero, apresentando situações dramáticas e uma genealogia fílmica, e, também, relaciona-o ao melodrama familiar — este último com notável influência durante a *época de oro* do cinema mexicano.

Juan Manuel Díaz realizou outro estudo de caso, abordando as convenções associadas à *manic pixie dream girl*, um tipo de personagem feminino idealizado e utilizado apenas para servir o desenvolvimento narrativo de personagens masculinos. Por meio da análise deste *stock character*, Díaz busca lançar luz sobre seus fundamentos ideológicos, destacando seu uso discursivo no cinema hollywoodiano. Em *(In)Visibles*, Francisco Marín investiga a presença de personagens homossexuais no cinema nacional hegemônico: o melodrama. Por meio da análise de representações importantes na história do gênero, Marín argumenta sobre os processos de visibilidade e identidade no cinema clássico mexicano.

As relações entre a Cidade do México e filme *noir* nacional é alvo da investigação de Fernanda López. Em uma perspectiva histórica, a autora traça as referências estéticas para o desenvolvimento das convenções do gênero em Hollywood e, em especial, no cinema mexicano. Os trabalhos de Roberto Gavaldón, Alejandro Galindo, Emílio Fernández e Julio Bracho são sublinhados como os principais expoentes do *cine mex noir*, com *Distinto amanecer* (1947, Bracho) o ponto principal de análise. Em uma incursão pelo *cinédrama gótico mexicano*, Christian Martínez Romero realiza, com detalhamento, um estudo sobre Carlos Enrique Taboada, o “duque do terror”. Alusões a arquitetura e a literatura góticas são base para análises de *Hasta el viento tiene miedo* (1968), *El libro de piedra* (1969), *Más negro que la noche* (1975) e *Veneno para las hadas* (1984), os títulos que compõem a “*tetralogia del terror*” de Taboada.

Para concluir, conduzimos uma entrevista com Miguel Ángel Fernández Delgado sobre os desenvolvimentos — e com especial atenção aos marcos — da ficção científica mexicana. Seguiram-se debates sobre dois projetos: um mais livreiro e um mais acadêmico, que, como não é de se surpreender, possuem mais similitudes do que diferenças.

Pedro Maciel Guimarães
Luiz Felipe Baute

Equipe Editorial Zanzalá
